

Pequeno estudo para compreender o discurso do nosso tempo

Rosana Kisil

Introdução

A disciplina “Estudos Organizacionais Críticos”, título modificado do oficial (vide cabeçalho), trouxe até aos alunos um panorama amplo de diversas correntes de pensamento, especialmente aqueles originados na Escola de Frankfurt. Foi uma novidade intelectual agradável poder conhecer tantos autores que se dispuseram, em suas vidas, a buscar meios de melhorar o mundo e alimentar o processo de emancipação do homem, se é que é possível resumir assim suas intenções macroscópicas.

O caminho foi percorrido através das leituras:

- Alvesson & Deetz, in *Handbook de Estudos Organizacionais* - que contribuiu na compreensão da evolução dos estudos críticos e na localização dos autores no tempo e nos temas;
- Alvesson & Willmott in *Critical Management Studies* - que contribuiu na compreensão sobre as escolas que analisam criticamente a administração como fenômeno social);
- Paula & Alcadipane, na *RAE* - que explicam a origem do Fórum de Estudos Críticos em Administração no Brasil;
- Paul Adler, que discute os estudos críticos sob diversas formas e pontos de partida (humanista / militante / progressiva);
- Alcadipane & Davel, que apresentam alguns conceitos sobre o que é ser crítico;
- Adorno & Horkheimer - que contribuíram na compreensão sobre o que é esclarecimento;
- Marcuse - que apresenta a visão da sociedade unidimensional e introduz a importância do universo da locução;
- Habermas - que trouxe a discussão da “técnica e ciência como ideologia” e da linguagem como tema central de uma ação de geração social;
- Calás e Smircich - que agregaram uma discussão sobre questões críticas do “pós-pós-modernismo”, especialmente a orientação da ciência, feita por majorias e que funciona como uma nova forma de colonização.

Este trabalho pretende organizar o conhecimento adquirido e dar ênfase no tema do discurso e linguagem, com vistas a um futuro aprofundamento. A primeira parte, **Argumentos**, apresenta os principais caminhos trilhados pelos pesquisadores do pensamento crítico, que justificam a temática do discurso e linguagem como linha de pesquisa; a segunda parte, **Visões**, apresenta sucintamente duas contribuições: a ação comunicativa, de Habermas, e o fechamento do universo da locução, de Marcuse. A **Conclusão** apresenta a consideração da autora sobre o tema.

Argumentos

A pesquisa organizacional pós-moderna traz o discurso como um dos itens mais importantes do pensamento crítico, destacando o poder constitutivo da linguagem no significado e na compreensão do mundo.

Alvesson e Deetz, (1999) colocam que as fontes teóricas de inspiração dos críticos e pós-modernos dividem-se em quatro vertentes, cuja ênfase classifica seus textos: 1. a relação poder / conhecimento; 2. a hermenêutica fenomenológica e o estruturalismo lingüístico (Saussure); 3. a teoria de conflito social embasada em Marx; 4. o sujeito humano complexo baseado em Freud. Como se vê, há uma vertente específica que explora seriamente o viés da lingüística na filosofia, e esta vertente lançou bases para os pós-modernos de tradição francesa (Foucault) e os de tradição germânica (Habermas, Marcuse), todos focados na reflexão sobre como os campos textuais e discursivos substituem a estrutura do inconsciente no pensamento.

Essa abordagem lingüística permitiu ao estudo filosófico pós-moderno duas coisas marcantes: estar alerta quanto ao humanismo, que desconsidera a lingüística da experiência nos seus discursos reivindicatórios e rejeitar a visão do objetivismo, que considera exclusivamente a ciência como instrumento de previsão e controle da natureza e das pessoas.

Na evolução histórica da busca pela emancipação, a sociedade contemporânea decorrente da ciência, do conhecimento e da tecnologia tem desenvolvido também perigosas formas de dominação e poder, e não concretizou o sonho da liberdade humana. Algo fundamental perdeu-se; mais técnicas não irão consertar o que se formou. Habermas (1984 e 1987) *apud* Alvesson & Deetz (1999), enfoca as potencialidades positivas não realizadas do Iluminismo, tentando recuperar um processo racional com concepção mais ampla, que inclua mais grupos na determinação social e que supere a comunicação e linguagem distorcida.

Nesta visão do discurso interpretativo e dialógico com a sociedade, os intelectuais pós-modernos envolvidos assumem que têm um papel ativo na produção de um entendimento esclarecido. Por isto é que este tema tem tido lugar na composição multivariada da pesquisa organizacional pós-moderna. Um panorama geral do gradiente de concentração dessas pesquisas envolve os seguintes temas:

a. A centralidade do discurso.

A primazia do discurso é sugerida no contexto dos discursos correntes que cercam cada indivíduo, desde o seu nascer. Estes discursos conduzem a pessoa no conhecimento do mundo, estrutura suas percepções, provocam unidades e divisões, constroem, afinal, o meio ambiente de cada ser, uma vez que são os instrumentos aprendidos para falar e posicionar-se. Fato é que o indivíduo não tem escolha sobre a sua língua mãe e está completamente entregue às suas estruturas; sua subjetividade é estruturada por esta língua e sua identidade social construída a partir dela. Assim, os discursos estruturam o mundo e ao mesmo tempo estruturam a subjetividade da pessoa, ou seja, a pessoa é primeiramente social, antes de ter um *self* pessoal como a origem da sua experiência.

b. A identidade fragmentada.

Se o posicionamento da pessoa vem da concepção do discurso, então não há indivíduo autônomo, autodeterminado. A crítica feita a uma identidade unitária segura aparece em duas versões: 1) sugere que o homem é, por natureza, um ser c/ fragmentação e inconsistência interior (Freud), portanto, sem identidade unitária, a qual seria uma ficção utilizada apenas para reprimir os conflitos, a subserviência à dominação do discurso e para privilegiar a racionalidade e controle; 2) sugere que a sociedade contemporânea é heterogênea, global, tele-conectada e isto produz uma invasão de discursos no indivíduo, que o impede de ser uno - discursos rápidos, que mudam rápido e são desconectados de realidades (Gergen, 1991, *apud* Alvesson & Deetz, 1999), ou seja, eles se referem a imagens, que se referem a outras imagens, hiper reais ou virtuais, e assim, as forças estabilizadoras de identidade são perdidas; as pessoas se agarram voluntariamente a identidades de consumidor, a *selfs* organizacionais e a culturas corporativas que provêm certa normalização (Deetz, 1995 e Willmott, 1994, *apud* Alvesson & Deetz, 1999). Neste item há uma tensão teórica (Fraser e Nicholson, 1988 Alvesson & Deetz, 1999) que debilita o trabalho pós-moderno, pois, essa visão do sujeito humano impede traçar uma perspectiva política de ação - exemplo, o caso de gênero, onde, se há a negação da diferença sexual, tem-se que abordar o assunto de forma transversal e difusa, se há a aceitação da essência dessa diferença, cria-se recursos para reforçar a dominação. (Flax, 1990, Alvesson & Deetz, 1999).

c. A filosofia da presença.

Aquilo do qual o mundo é feito - os objetos - só existe na relação específica com um ser. As práticas lingüísticas e não lingüísticas são centrais para a produção do objeto. Os pós-modernistas começam sua análise com a demonstração de Saussure - o ponto de vista é que cria o objeto. Por exemplo: o trabalhador - não são suas propriedades descritivas que o fazem existir, mas, o conjunto de sistemas que o envolvem. O enfoque no objeto e nas propriedades do objeto é um engano. A linguagem é, então, central à produção de objetos, pois provê distinções sociais e históricas que fornecem unidade e diferença como espelho da realidade.

Cuidado: essa abordagem não é simplesmente relativista, posicionando o indivíduo de modo solto ou subjetivo, mas, apenas chama a atenção para o engano em se admitir uma estabilidade do objeto, mostrando que sua aparência estável dificulta a compreensão sobre os elementos que o produz e sustenta. A compreensão disto realmente engloba práticas lingüísticas e não lingüísticas para decifrar os sistemas relacionais que estão no mundo sob a forma de discursos e textos.

d. A perda dos fundamentos e das narrativas-mestre.

Pós-modernistas que têm uma postura interessada nas tendências históricas notaram que as múltiplas vozes e políticas locais são preferidas em relação a teorias embasadas e projetos políticos de larga escala. Há uma crise de legitimação da sociedade capitalista, discutida por Habermas (1975) *apud* Alvesson & Deetz (1999) e uma nítida

incredulidade social percebida por Lyotard (1984), onde as narrativas integrativas perdem para as locais estratégicas. Outros pesquisadores realçam: tudo o que permanece são as narrativas locais (Martin, 1990; Jehenson, 1984; Ingersoll e Adams, 1986; Carter e Jackson, 1987; *apud* Alvesson & Deetz, 1999). Há um declínio da visão, da esperança e da comunidade política – o que abre caminho para as ideologias práticas gerenciais, que preenchem parte do vazio. As culturas corporativas tornam-se textos e os membros, leitores (Deetz, 1992). Regenerar essa postura política é a questão.

e. A conexão poder-conhecimento.

A formação discursiva abriga, num conjunto de distinções lingüísticas, o poder, que é então, grupal e não apenas individual, como em outras variantes de pesquisa. Foucault (1977, 1980) e Clegg (1994) *apud* Alvesson & Deetz (1999) discorrem sobre as formas de raciocínio e de prática que, sustentados na linguagem, produzem arranjos de poder.

O conhecimento perde sua inocência e neutralidade. Alvesson & Deetz (1999) apontam Townley (1993), que mostrou como o conhecimento em recursos humanos abriu caminho para a normatização e controle e Foucault (1977), que explora o conceito de disciplina emerso das demarcações desse comportamento normativo.

▪ Os estudos críticos promovem a desconstrução dos discursos normativos, explicitando as diferenças e trabalhando no dissenso da sociedade. Esta relação com o discurso social dominante produzido pelo conhecimento e poder, leva os estudiosos críticos a conceber sua análise a partir dos agrupamentos sociais que são a origem dos conceitos e problemas e não a aceitar *a priori* o diálogo estabelecido pela elite dominante.

f. A hiper-realidade.

A área não lingüística da sociedade é uma realidade contextual que é referência para a formulação da linguagem. A linguagem refere a imagens socialmente produzidas, ancoradas no mundo objetivo e exterior. A questão é que a mídia contemporânea e o sistema de informações têm capacidade para produzir muitas imagens e símbolos numa velocidade que é maior do que aquela do processo de representação do ser com o mundo; essas imagens então, mais do que representam o exterior, substituem outras imagens e portanto começam a se referir entre si, sem a relação explícita com o mundo objetivo. Alvesson & Deetz (1999) apontam o que Boudrillard chama de “simulações” - sistemas auto-referentes, sinais que referem a sinais, que estão desconectados entre si e limitam a representação do mundo real: “... entre lingüística e não lingüística – o significado e o referente são abolidos, em proveito exclusivo do jogo dos significantes, de uma formalização generalizada na qual o código já não se refere a qualquer realidade subjetiva ou objetiva, mas, à sua própria lógica... o sinal já não designa qualquer coisa... seu limite estrutural é referir-se a outros sinais.” (Boudrillard, 1975:127-128).

g. A pesquisa como resistência e indeterminação

Os métodos primários da pesquisa crítica são a desconstrução (crítica a filosofia da presença), leitura como forma de resistência (releituras – “por que deveríamos acreditar neste autor?”, Calás e Smircich, 1988 *apud* Alvesson & Deetz, 1999) e as genealogias, onde os modos “realistas” de escrever são substituídos por outros estilos, mais irônicos, simbólicos, (que dão abertura à inspiração e a novos pensamentos).

Jeffcut, 1993, mostra como textos de cultura organizacional se distinguem por meio de fechamento e buscas heróicas, onde os autores adotam estilos narrativos mais para o épico e o romântico, e mostra que estas estratégias representacionais procuram a unidade e harmonia em repressão à divisão e ao conflito. Desenvolver modos novos de escrita pode ser uma das contribuições mais poderosas do pós-modernismo.

Visões

Uma Visão de Habermas - A Teoria da Ação Comunicativa

Hoje, 18 de junho de 2005, Habermas completa 76 anos. Fez sua vida de filósofo em missão de mudanças estruturais que pudessem devolver ao ser humano a verdadeira emancipação, em alguma época perdida. Regenerar a sociedade de sua triste escravidão inexplicável. Sua obra foi vasta, seu eixo, a crítica ao tecnicismo e cientificismo que, ao seu ver, reduzem todo o conhecimento humano ao domínio da técnica e modelo das ciências empíricas, limitando o campo de atuação da razão humana a todo conhecimento que fosse objetivo e prático. A referência estudada na disciplina foi o texto “Técnica e Ciência como Ideologia”, publicado em Julho de 1968, dedicado a Herbert Marcuse pelo seu aniversário.

Nesse texto, Habermas apresenta as teses de Max Weber e de Marcuse sobre a racionalidade, e em seguida apresenta sua própria tese, cujo conteúdo o conduz ao conceito por ele próprio adotado sobre a racionalidade: diz que há dois tipos de ação racional:

- o TRABALHO, que é uma ação teleológica¹ composta de atuações instrumentais, orientadas por regras técnicas empíricas e escolhas racionais orientadas por estratégias analíticas;
- a AÇÃO COMUNICATIVA, que é uma ação interativa, composta por símbolos que mediam as relações, orientados por normas sociais de comportamento e comunicação lingüística cotidiana.

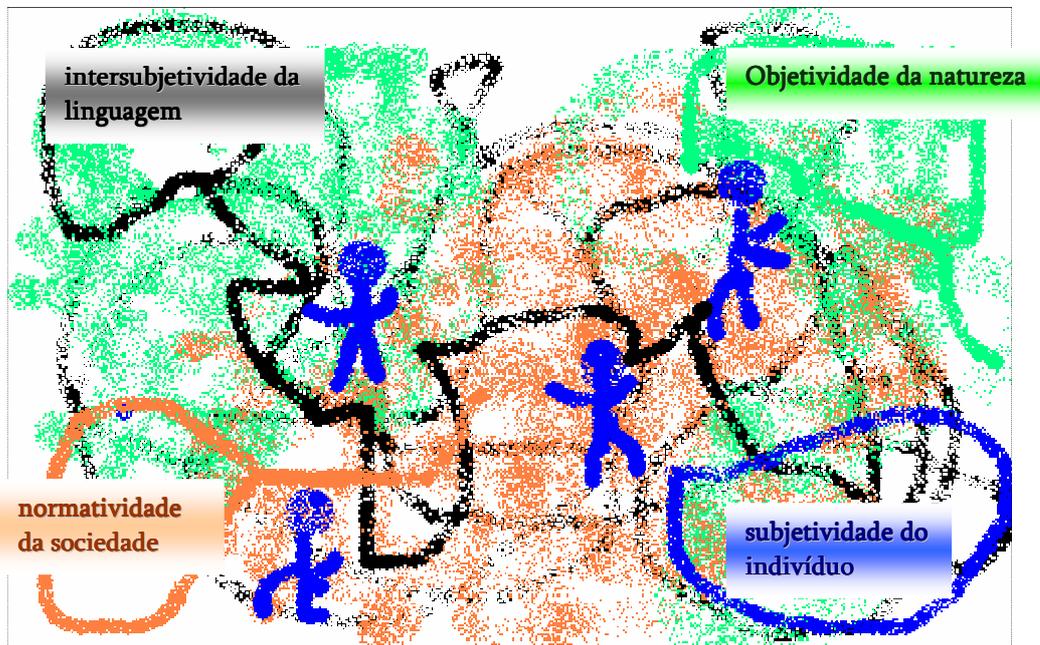
Habermas afirma que o enquadramento que distingue sistemas sociais conforme a predominância e a relação entre os dois tipos de ação (trabalho e interação) permite reformular o conceito weberiano de racionalização. Habermas não adota o monismo², adota a dualidade epistemológica³; considera a subjetividade do indivíduo articulada com a objetividade da natureza, a normatividade da sociedade e intersubjetividade da

¹ Que considera o mundo como um sistema de relações entre meios e fins, ou seja, uma cadeia onde há fatos e causas relacionadas. Ação teleológica é uma ação, portanto, instrumental, que busca necessariamente uma função prática para cada atitude ou idéia.

² Mônada: centro da razão está na cabeça

³ epistemologia, também chamada teoria do conhecimento, é o ramo da filosofia interessado na investigação da natureza, fontes e validade do conhecimento.

linguagem. A identidade pessoal, assim, é um conceito que permite e exige a integração de todos os aspectos do desenvolvimento humano. Esta noção pressupõe a singularidade como condição necessária (não suficiente) agregada à individualidade. Um desenho emerge deste pensamento, onde quatro campos interagem:



Ação comunicativa e o processo de individuação na sociedade⁴

Para Habermas, a ação comunicativa se dá todo o tempo e a questão é: como facilitar o processo de individuação nessa racionalidade?

Nesta teoria se defende a existência de uma esfera pública, na qual os cidadãos, livres de domínio político, podem expor idéias e discuti-las – Habermas, contudo, destaca que a mídia exerce influência no sentido de diminuir este espaço. A lógica interpretativa, baseada em símbolos é a porta estratégica para facilitar a busca da autonomia almejada⁵.

Na teoria da ação comunicativa⁶ a sociedade moderna é apresentada sob dois mundos: o mundo sistêmico e o mundo da vida. O mundo sistêmico inclui o subsistema econômico e o político, que são considerados válidos e necessários para assegurar a reprodução material e institucional. Já o mundo da vida é considerado o “habitat” natural dos espaços das instituições sociais como a família, associações de bairro, comunidades de base, sindicatos e organizações culturais, artísticas e científicas. (FREITAG, 1985).

O mundo sistêmico orienta-se pela ação instrumental ou estratégica, sob a forma de ação técnica que aplica, racionalmente, meios para a obtenção de fins – o TRABALHO - através do uso do poder econômico e político. O objetivo central do mundo sistêmico é o êxito, o sucesso, a dominação.

⁴ Conhecimentos apreendidos da aula do Prof. Ciampa, a 17/5/05, FGV.

⁵ www.intervox.nce.ufrj.br/~ballin/habermas.doc

⁶ Em 1981, Habermas publicou a que é considerada sua obra principal, a *Teoria da Ação Comunicativa*.

O mundo da vida tem como objetivo o entendimento e orienta-se pela ação comunicativa. Postula o agir/ação como base no entendimento mútuo, possibilitando expressão, via linguagem, a sentimentos, expectativas, desaprovações, procurando o entendimento e o bem estar de cada um e de todos.

O mundo sistêmico é sustentado pela sua validade técnica e analítica – os enunciados empiricamente verdadeiros e analiticamente corretos - e o mundo da vida é sustentado pela validade social – os acordos fundados na intersubjetividade e assegurados no reconhecimento das obrigações. Ocorre que estes dois mundos interpenetram-se e interferem-se. Habermas (1987,1989) denuncia, como uma das patologias da modernidade, a colonização do mundo da vida pelo mundo sistêmico. A estratégia de ação instrumental do mundo sistêmico vai invadindo os espaços do mundo vivido, desalojando e expulsando as possibilidades de autêntica ação comunicativa. Os valores cultuados no mundo sistêmico como poder, dinheiro, prestígio, sucesso, vão "invadindo" o mundo da vida e desacreditando os valores familiares, comunitários, das relações sociais.

A teoria da ação comunicativa defende a descolonização do mundo vivido e postula a contenção do mundo sistêmico em espaços rigorosamente delimitados, colocado a serviço dele.

Ora, o contato entre os dois mundos se faz pela comunicação, que acontece pela fala entre sujeitos, Esta situação comunicativa, entretanto, pressupõe que haja validade dos argumentos entre locutor e interlocutor, o que permite a articulação e a interação social espontânea e baseada em quatro critérios:

- compreensão (entendimento do idioma, das palavras, dos significados, dos códigos, das regras semânticas);
- veracidade do conteúdo (a fala está fundamentada em argumentos corretos, o sujeito não está enganado ou mal informado);
- sinceridade (os interlocutores não buscam enganar)
- legitimidade (as regras e normas invocadas pelo uso do idioma estão sustentadas pelos direitos sociais e o locutor tem autoridade sobre seu uso).

Habermas apresenta o sentido e a verdade como um processo consensual baseado nestes quatro critérios. Quando as situações de fala gerarem contestação sobre os critérios, estabelece-se uma perturbação do consenso, que pode ser resolvida no próprio contexto da situação de fala ou na sua interrupção para busca de novas alegações nos discursos teóricos ou práticos disponíveis.



Na base no processo de consenso está a linguagem. As palavras, que expressam o sentido, têm seu significado de uso corrente, quotidiano, mas, também espelham as

normas sociais; palavras em conjunto produzem proposições que expressam sua unidade lingüística. As proposições em conjunto produzem enunciados, que expressam aí a unidade do discurso. A partir destes conceitos a interpretação é aplicada para resolver problemas de perturbação do consenso.

Com a Teoria de Habermas, rompe-se o diálogo estritamente baseado em conhecimentos instrumentais, o qual diminui o caráter democrático que deve ter a construção social. Livre do domínio exclusivo dos argumentos científicos, os sujeitos podem estabelecer uma relação dialógica onde a autonomia de cada um é conseguida através dos critérios de validade e, quando há a perturbação, o impasse pode ser superado. Ou pela ação estratégica do uso do poder e da autoridade ou pela ação comunicativa na forma de discurso.

É por isso que Habermas considera tanto a necessidade de ampliar o conceito de linguagem, pois este deixa a dimensão lógico-semântico e passa a ser um medium que envolve cada participante da interação como integrante de uma comunidade de comunicação⁷, possibilitando assim, uma acumulação de saber capaz de modificar as imagens do mundo. Este seria, nesta visão, o sentido de emancipação.

Uma Visão de Marcuse - O fechamento do universo da locução

Herbert Marcuse nasceu a 19 de Julho de 1898 em Berlim. De tradição judaica, foi um filósofo de resistência, que traçou um cenário de sociedade utópica, onde haveria a libertação dos homens do domínio de Eros (paixões humanas) e se concretizaria um “casamento” entre a razão e a natureza⁸. Suas obras se orientaram para a compreensão da realidade de uma sociedade profundamente alienante que racionaliza o irracional e do desejo de transformá-la, seja por entender seus movimentos, seja por quebrar suas estruturas pela via crítica. Sua visão denuncia a constituição da civilização industrial, que sob a aparência de liberdade, cristaliza cada vez mais as formas de dominação dos indivíduos, com a promessa do ócio, do entretenimento e lazer organizados.

Para explorar o tema, será exposto aqui uma espécie de “resumo” do capítulo 4, estudado durante o Curso, do livro Sociedade Unidimensional. Marcuse inicia este capítulo apresentando a Consciência Feliz, um conformismo reducionista que tornou a sociedade aniquilada pelo poder da razão produtivista. E realça a funcionalização da linguagem como instrumento para repelir o movimento da palavra que contraria o universo da comunicação no qual o comportamento unidimensional se expressa.

Apresenta a linguagem da administração total, onde “os elementos de autonomia, descoberta, demonstração e crítica recuam diante da designação, asserção e imitação. ... A locução é privada das mediações que são as etapas do processo de cognição e avaliação cognitiva. ...” (p. 93). Assim, a representação lingüística não mais é autêntica. Isso explica, de certa forma, o surgimento das gírias e do humor na linguagem popular; é como as pessoas buscam rejeitar o poder e afirmar sua própria proposta lingüística.

⁷ <http://www.unir.br/~primeira/artigo145.html>

⁸ apreensão da aula do Prof. Valverde, a 3/5/05, FGV.

No entanto, a palavra que organiza e ordena, induzindo a sociedade a fazer coisas e operar processos continua sendo aquela dita pelas esferas de poder. E a tendência lingüística também reflete este fenômeno: o raciocínio tecnológico que identifica coisas e funções nos nomes expressos – os conceitos são absorvidos pelas palavras, padronizando a comunicação sem o desenvolvimento genuíno do significado. Nesse contexto tão pragmático, acontece também que o significado funcional exclui qualquer outro, “estreitando” as possibilidades de interação de sentidos diversos. “O substantivo governa a sentença de um modo autoritário e totalitário e a sentença torna-se uma declaração a ser aceita – repele a demonstração, a qualificação, a negação de seu significado codificado e declarado”.

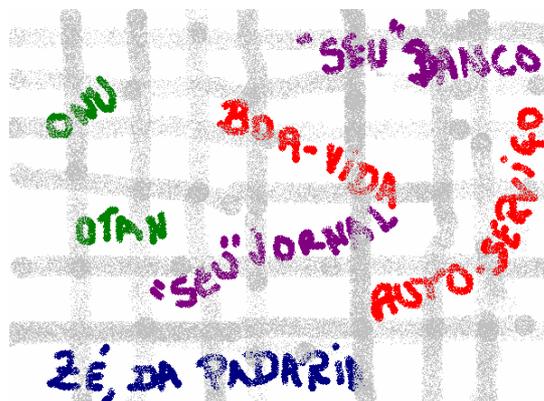
Há também o interessante fenômeno das proposições analíticas autovalidantes, que funciona muito bem para sugerir um conjunto de atributos de forma automática ou “mágica”: predicções como “livre empreendimento” ou “livre iniciativa”, que dão como resolvido o significado da elocução, impondo ao receptor um significado abreviado, pronto, de conteúdo fechado e “sem sombra de dúvida”. Essa construção repressiva traz sempre os mesmos substantivos e adjetivos aplicados conjuntamente, funcionando como “fórmula hipnótica que, infinitamente repetida, fixa o significado na mente do receptor”. Essa fórmula de predicção analítica revela um caráter autoritário, pois impede explicações que podem ser essencialmente diferentes e verdadeiras para aquele substantivo, condenando-o a ter sempre a mesma imagem. Marcuse lembra aqui a indústria da propaganda, que sabe e usa muito esse recurso, pois obriga o consumidor a associar termos ao que na verdade são “estruturas de instituições, atitudes e aspirações” pré fixadas e produzindo reações fixadas também. Isto é sério e assume caráter preocupante, pois estas proposições de caráter evocativo são na verdade comandos sugestivos, predicados que se tornam prescrições, repetidos inclusive de forma personalizada (“o seu” carro, a “sua” farmácia, especialmente para “você”, etc.), agindo na identificação direta do indivíduo com essa comunicação funcional.

A sintaxe impositiva funde significados em estruturas indivisíveis que não dão espaço para distinção, domina e orienta a narrativa. O genitivo flexional e a redução hifenizada são alguns destes expedientes de construção gramatical; o primeiro torna as pessoas apêndices de seu lugar, seu emprego, sua empresa (Rosana, do Fonte; Almir, da WKF; Tony, da Califórnia); o segundo traz a junção de esferas completamente diferentes fundidas num sólido de unidade irresistível, projetando imagens que harmonizam contradições e unem atores sempre em funcionamento e não de outra forma (“científico-militar”, “manda-e-desmanda”, “lança-foguetes”, “bomba-relógio”, “semi-alfabetizado”). Observe que nem o corretor de textos do *software* corrige estas expressões, tanto é o lugar adquirido que têm no senso comum.

Marcuse também chama a atenção sobre a astúcia racional⁹ das abreviaturas e siglas, que ajudam a esconder conteúdos que possam suscitar ênfases indesejáveis (ONU, que evita a ênfase no “unidas” ou OTAN, que nos distrai de pensar que nem todas as nações do Atlântico Norte estão em acordo, etc.). As siglas denotam apenas o que está devidamente institucionalizado, sem conotação transcendente, mais uma vez

⁹ Sobre a astúcia da Razão, consultar Adorno & Horkheimer no texto sobre Ulisses in *Dialética do Esclarecimento*.

transmitindo o significado fixado e pretendido pelo indiscutível, oficial e falsificado senso, sancionado pelos interesses políticos e intelectuais.



O fechamento do universo da locução

Esse movimento de concreção, onde as coisas estão sempre identificadas com suas funções, muito dificulta a construção de **conceitos**, que, essencialmente, distinguem aquilo que *é* da função contingente que *tem*. Porque impede o pensamento que busca significados legítimos, que observa livremente a diversidade das coisas, que se nega a atribuir a função definida ao sujeito ou à coisa, pois ela, *a priori*, já se constitui em *algo* original, próprio, autêntico.

A sociedade unidimensional descrita por Marcuse é, então, plenamente administrada pelo raciocínio viciado descrito, formando um sistema unívoco que só busca fortalecer a si mesmo¹⁰ e não a emancipação do ser humano. A linguagem só reflete esta sociedade.

Na filosofia gramatical clássica o sujeito de uma sentença é primeiro uma “substância” e permanece como tal nos vários estados, funções e qualidades que a sentença predica a ele, mas, esta relação se estabelece momentaneamente, preservando a sua diferença. Ou seja, “ele pode participar de relações, mas, não é idêntico a essas relações” (Humboldt, 1936 *apud* Marcuse, 1991). E mais: permanece o que é nelas e até contra elas, substantivo, “o que designa sua própria substância real ou metafísica”¹¹. Assim Marcuse demonstra como a abreviação das palavras ou as expressões gramaticais conseguem abreviar também o pensamento e fortificar uma linguagem funcional.

Insistente, a tendência comportamental da lingüística é o bloqueio do desenvolvimento conceitual e a supressão dessa dimensão no universo social. Em resumo, o universo bidimensional da locução – o pensamento crítico e abstrato que compreende de forma dialética a *história* – fica reduzido a uma só dimensão, a funcional.

Daí em diante Marcuse avança numa seqüência de argumentos que demonstram a dominação da sociedade industrial competitiva sobre o homem, que se sujeita a ser mero aparato produtor e participa da linguagem “fechada” controladora.

¹⁰ apreensão da aula do Prof. León, a 12/4/05, FGV.

¹¹ *Novo Dicionário Básico da Língua Portuguesa*, Folha/Aurélio, 1995.

Este é o fechamento do universo da locução enunciada, que culmina numa situação chamada por Marcuse de “administração total”, onde a comunicação é apenas a camada externa do universo unidimensional no qual o homem está treinado a habitar. É matéria política, e não acadêmica, que envolve a pesquisa, o lazer, a administração, a educação, o sistema de representação.

Conclusão

Opto, nesta conclusão, por explicitar o meu entendimento resultante do primeiro contato com o tema explorado neste trabalho. Opto por não transcrever ou resumir as já escritas reflexões de estudiosos e pesquisadores que se dedicaram a colocar frente a frente as posições de Marcuse e Habermas. Em busca delas observei muitos escritos que extrapolam a questão da linguagem ou da comunicação, ampliando a discussão para o campo da arte e estética, tecnologia, ciência e natureza. Também opto por não descrever os diálogos diretos entre Habermas e Marcuse, mas vou limitar minha conclusão a aspectos que me tocaram e me “acordaram” para estudar mais e aprender sobre a orientação que estes pensamentos podem dar ao meu movimento pessoal e profissional de mudar as coisas para melhor e contribuir para uma sociedade mais feliz.

Primeiramente observo atualmente um empobrecimento dos discursos e debates, onde a “metamorfose ambulante”, de Raul Seixas, atingiu o nível da linguagem falada, expressão manifesta da não referência. Após este pequeno estudo, consigo ensaiar a compreender por quê. A hiper-realidade não lingüística da mídia contemporânea me explica esta situação de não referência e a velocidade “social” de substituição dos símbolos é uma realidade. Este conceito, exibido no discurso interpretativo dos estudos críticos é bastante importante, uma vez que tem um papel ativo e atual nos nossos tempos. Ignorar esta condição é eliminar uma variável na análise dos discursos que hoje vivem na sociedade.

Talvez por causa desta inconsistência referencial, as entrevistas e pronunciamentos de pessoas públicas que são veiculados na mídia deixam dúvidas sobre seu conteúdo ser algo verdadeiramente autêntico, genuíno. Parecem as frases calculadas e estudadas para produzir um efeito pré-concebido, ou seja, um discurso construído e moldado para atender às necessidades do momento. Os debates que se apresentam versam sobre a superfície dos assuntos, polarizando, antagonizando ou fortalecendo posições, mas, não remetendo o expectador a uma reflexão radical. Isto também posso compreender, agora, já que as palavras são utilizadas como recursos que não mais exprimem conceitos cheios de significados, em si, mas, construções que remetem a imagens funcionais e desprovidas da essência original. Marcuse deixou bem claro em seu próprio discurso o empobrecimento da linguagem quando transformada em objeto instrumental do sistema.

Até posso compreender frases contraditórias em significado, como aquela da Festa do Dia do Trabalho último: “Sindicato comemora o dia do trabalhador com sorteio de carros” ... já que as lideranças sindicais também se tornaram inexpressivas, entremeando, ao mesmo tempo, a crítica ao sistema e o sorteio de carros em seu discurso, num mesmo arrazoado de valores e intenções. Remete à explicação sobre as contradições

harmônicas que a linguagem permite ao adotar construções gramaticais que parecem ser tão convincentes.

As ONGs, voz da sociedade civil, também vêm com sua linguagem, retórica difusa na polaridade entre o coletivo e o individual. Nesse empobrecimento de conteúdo, os debates estão longe de abordar a essência das questões e escolhem caminhos mais plásticos do que profundos.

À luz dos autores estudados, pude ver a conformação da comunicação aos ideais contemporâneos e sua subserviência às perturbações. Habermas, em sua explicação da ação comunicativa, não tem como foco a **palavra**, como o faz Marcuse, mas, a seu modo, também coloca a centralidade da comunicação para a compreensão e construção do mundo contemporâneo. O que fica nítido é que a racionalidade do processo de comunicação é decisiva para a individuação do ser humano e, igualmente a Marcuse, é perturbado pelo mundo sistêmico instrumental.

Além desses, é preciso destacar que as normas invocadas no critério de legitimidade da fala (Habermas) trazem consigo algo que dialoga com o exposto por Marcuse: a incorporação de valores substantivos no universo da comunicação. Estes códigos refletem o sistema legal e econômico da sociedade, expressa a forma de viver da mesma e não necessariamente os conceitos e significados puros do ser. A forma pura parece não existir.

Também parece haver uma coordenação entre a ação tecnológica e a comunicativa, onde uma prepondera sobre a outra e resulta em elementos políticos importantes, mas, não tenho clara as diferenças desta interação pensadas pelos dois escritores, a não ser pela proposição de Habermas sobre o rompimento do diálogo estritamente baseado em conhecimentos instrumentais ou pela de Marcuse sobre a pesquisa da administração total. Ao menos é uma base para a crítica a ser construída em meu próprio discurso.

Bibliografia

ADORNO & HORKHEIMER. *A Dialética do Esclarecimento*. Excursão 1. São Paulo: Jorge Zahar Ed., 1985.

ALVESSON, M. & DEETZ, S. *Teoria Crítica e Abordagens Pós Modernas para Estudos Organizacionais*. in CLEGG, HARDY, C. & NORD, W. R. *Handbook de Estudos Organizacionais* vol. 1 cap.8. São Paulo: Atlas, 1999.

BAUDRILLARD, J. *The mirror of production*. St. Louis: Telos Press, 1975.

DEETZ, S. *Democracy in the age of corporate colonization: developments in communication and the politics of everyday life*. Albany, NY: State University of New York Press, 1992.

FEENBERG, Andrew. *Marcuse ou Habermas: duas críticas da tecnologia*. Tradução de Newton Ramos de Oliveira. *Inquiry* 39, 1996: pp. 45-70 ou <http://www-rohan.sdsu.edu/faculty/feenberg/marhabportu.htm>.

FREITAG, B. e ROUANET, S.P. *Habermas*. São Paulo: Ed. Ática, 2001.

HABERMAS, *Técnica e Ciência como Ideologia*. *Merkur*, no. 243. Julho de 1968 pp.591-610 e no. 244, Agosto de 1968, pp. 682-693. Tradução na apostila do Curso, sem fonte.

JEFFCUTT, P. *From interpretation to representation*. In HASSARDAND, J., PARKER, M. *Postmodernism and Organizations*. Londres: Sage, 1993.

LYOTARD, J. E. *The Postmodern condition a report on knowledge*. Trad. G. Benington, B. Massumi, Minneapolis: University of Minnesota Press, 1984.

MARCUSE, Herbert. *One-dimensional Man*. Ed. Routledge, 1991.

SCHOR, Tatiana. *Revista da Universidade Federal de Rondônia (UFRO), Artigo 45*. Centro de Hermenêutica do Presente, Porto Velho: Editora Universidade Federal de Rondônia.